

## RESENHAS

AVILA, Affonso — *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. S. Paulo, Ed. Perspectiva, 1971. (Col. Debates, 35). 314 pp.

Conheçamos Affonso Avila desde que resenháramos seu *O poeta e a consciência crítica* (Petrópolis, Ed. Vozes, 1969) para o número 9 desta mesma revista. Nessa coletânea de ensaios desiguais, A.A. entremostra certas linhas de análise melhor exploradas neste livro de 1971.

Despreocupado quanto à terminologia cabalística empregada por críticos neo-conversos e não se importando com a preferência acentuada por textos modernos e/ou contemporâneos, A.A. recua serenamente para o Séiscentos brasileiro, manejando com habilidade e com discrição um instrumental crítico moderno, a fim de investigar nossa estética barroca e conferir-lhe acento de atualidade. Cercando-se do Hoje para revitalizar, de modo inteligente, o Ontem, A.A., vez ou outra, inflama-se no discurso, porque, confessadamente, vê e vive o seu objeto com a mesma "temperatura afetiva" e o "mesmo grau de paixão" com que vê e vive o "nosso tempo". (p. 13)

*O lúdico...* não mereceu acolhimento digno e seríamos hereges se atribuíssemos a frieza à modéstia que não pretende inovar, do ponto de vista teórico, uma área em que a pesada tradição historiográfica européia é quase sufocante? Ou se a atribuíssemos ao despojamento interpretativo que marca o texto, carente de diagramas e de retórica visual?

Dividido em três grossos blocos, o trabalho do poeta mineiro começa por explorar as virtualidades do Barroco, destrói excitante análise dos resíduos barrocos mineiros no segundo bloco e termina com amostra de textos explorados na parte imediatamente anterior.

Os sete textos que compõem a primeira parte — "O elemento lúdico nas formas de expressão do barroco" — funcionam sobretudo como recapitulação, bem feita, das teorizações propostas até hoje, tudo assentado em bibliografia de primeira ordem. Tarefa dessa ordem poderia tornar-se enfadonha não fosse o espírito vigilante do A. que não permite a simples catalogação cronológica das teorias, mas relembra constantemente a funcionalidade, voluntária ou não, que se imiscui no procedimento

barroco. Assim, ao lado da atenção que dedica ao *lúdico*, ao *visual*, ao *persuasório*, à *ambigüidade*, ao *inútil útil*, A.A. não se furta à necessidade de mostrar o substrato ideológico que, por exemplo, orientava a parenética de Antonio Vieira: "Sua função, não obstante de fundo lúdico, é estruturalmente a de manter presa pelo fio melódico da linguagem, de impactação auditiva, a atenção daquele homem feito mais de sentidos do que de razão" (p. 72).

E, modernamente, a incorporação do *aleatório*, do *insólito*, do *informal*, do *lúdico* como "elemento da estrutura da obra de arte, válidos quanto quaisquer outros" (p. 99) favoreceu em muito a compreensão e a releitura do Barroco, até há pouco destinado à apreciação somente sob o ponto de vista do esbanjamento formal ou da doutrinação contra-reformista.

Colocando deliberadamente sua interpretação sob o amparo das teorias de vanguarda, A.A. percorre o caminho do "make it new" poundiano, tão divulgado por Haroldo de Campos, e, saudavelmente audacioso, estende as linhas barrocas até nosso tempo, não se inibindo em ligá-las ao poema-poster (p. 125), às cabriolas inventivas de Caetano Veloso (p. 100) ou mesmo a certos aspectos do Carnaval brasileiro (p. 118). (De resto, nesta linha, A.A. acompanha a moderna tendência da crítica hispano-americana — de que Severo Sarduy é um dos exemplos — que procura configurar os traços barroquizantes da cultura latino-americana.)

Mas o que mais enobrece *O lúdico...* é o projeto realizado de restauração crítica efetuada sobre textos muito citados e pouco vistos e/ou lidos. Enquadram-se neste caso o *Triunfo Eucarístico* de Simão Ferreira Machado, publicado em Lisboa no ano de 1734 e a coletânea de peças do *Aureo Trono Episcopal*, texto anônimo editado em 1749 pelo cônego Francisco Ribeiro da Silva em Lisboa.

Embora reconhecendo em ambos os textos a preponderância da função referencial, na medida em que se constituem como depósitos vivos de informações coloniais, A.A. aponta também para passagens nas quais não se descuidou da literariedade. Desse modo, sua tesoura crítica recorta os textos, denunciando com precisão e pertinência o documental, vazado em procedimentos rebuscados e sinuosos. E, no caso específico do *Triunfo Eucarístico*, A.A. faz questão de salientar a "precisão jornalística" de Simão Ferreira Machado, cuja acuidade de percepção converte seu relato da festa de traslado da Eucaristia em "reportagem pioneira de acontecimentos da vida social e religiosa das Minas" (p. 122).

Neste ponto, *O lúdico...* desfolha-se em mais uma direção: a das ligações entre Estética e Sociedade.

Não participando de uma apressada linhagem crítica de "diluidores" que se deixaria seduzir pela desafiante geometria barroca, A.A. não examina somente os artifícios de construção, mas também empenha-se em mostrar os vários níveis em que Estética e Sociologia se emparelham ou se interpenetram. Assim é que nos chama a atenção ou para o papel aglutinador da Arte, que se revela nas manifestações poéticas, alusivas à posse episcopal do Frei Manuel da Cruz (*Aureo Trono*, p. 128), quando se juntaram poetas para comemorar o evento, ou para identificar relativa disponibilidade intelectual num momento em que, assegurada a infra-estrutura econômica, parte da comunidade já pode dispensar seu tempo para "torneios de inteligência" (p. 134).

De acordo ainda com essa perspectiva estético-sociológica, o A. interpreta e justapõe a prodigalidade material — decorrente da mineração — às expansões dionisíacas das festas religiosas populares, nas quais o triunfo da religião reverbava em "adornos de ouro, prata, diamantes, pedraria, sedas, plumas, tanto na indu-

mentária dos figurantes, quanto nas suas montarias ou demais peças componentes do espetáculo" (p. 119).

Todavia é com as *Cartas Chilenas*, "vontade de continuidade barroca" (p. 163), que a exegese do A. revolve mais fundo as confluências acima mencionadas, na medida em que desmonta a ideologia reacionária de Critilo, "cioso de sua formação aristocrática", enaltecedor "dos privilégios de nascimento, /.../ do poder real, /.../ da intocabilidade das leis régias" etc. (p. 166).

Ao longo do trabalho, A.A. opera dialeticamente, tomando o texto literário em "close reading" e como referência documental para configuração histórico-social e, invertendo o caminho, vale-se de eventos sociais documentados para reforçar o fausto barroco.

E, graças a esse processo crítico desempenhado com inteligência e com segurança, acrescenta-se novo título à nossa tímida (e nem sempre vallosa) bibliografia do Barroco. — ANTONIO DIMAS.

\* \* \*

BATISTA, Sebastião Nunes — *Bibliografia prévia de Leandro Gomes de Barros*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Divisão de Publicações e Divulgação, 1971. 95 pp.

Uma das dificuldades com que se defrontam os que pretendem estudar a literatura popular em verso do Nordeste resulta da inexistência de pesquisas e estudos sobre esta literatura nos seus múltiplos aspectos: autoria, poética, relação com o meio social em que foi produzida etc. A autoria e a época em que foi escrito o poema são informações importantes pelas sucessivas reedições que são feitas de muitos poemas. É significativo que numerosos poemas escritos nas primeiras décadas deste século — por Leandro de Barros (1865-1918), Francisco das Chagas Batista (1882-1930), João Melchilades Ferrelra da Silva (1869-1933), entre outros — continuem sendo editados sem indicação de autoria. No que se refere a Leandro Gomes de Barros, embora seja considerado por todos os estudiosos o maior dos nossos poetas populares, ainda não foi estudado sob nenhum aspecto. A necessidade do estabelecimento da autoria de sua obra há muito se fazia sentir principalmente por ser parte desta atribuída a João Martins de Athaide (1880-1959).

A presente bibliografia resultou de rigorosa pesquisa para determinar a autoria de poemas de Leandro Gomes de Barros, a partir da localização de folhetos com seu nome, em coleções de instituições públicas e de particulares, e de algumas indicações de estudiosos desta literatura — tudo minuciosamente referido em notas.

A bibliografia prévia abrange 237 títulos, tendo o autor adotado os seguintes critérios para o registro dos poemas: 1. As estórias estão ordenadas, alfabeticamente, por título. 2. Considerou no registro: título, local de edição, editor, data de edição, número de páginas — apenas as páginas do poema referido, sigla que corresponde às letras iniciais dos quatro ou seis primeiros versos do poema, acróstico e coleção a que pertence o folheto.

Precede a bibliografia um resumo biográfico, no qual o autor, embora não ofereça informações novas sobre a vida deste poeta popular, fornece através de transcrições, uma amostra qualitativa de sua poesia. São versos de cunho biográfico, de crítica econômica, política e social, sátiras contra a mulher, a sogra, o casamento, os